

## RELAÇÕES DE GÊNERO NA SALA DE AULA: CONSEPÇÕES E PRÁTICAS DE FORMANDOS/AS DO ESTÁGIO EM FORMAÇÃO DE FORMADORES<sup>1</sup>

**Catarina de Cássia Moreira**

Discente do Curso de Pedagogia  
Universidade Federal do Maranhão – [catherine.cassia@gmail.com](mailto:catherine.cassia@gmail.com)

**Sirlene Mota Pinheiro da Silva**

Doutora em Educação  
Universidade Federal do Maranhão – [psirlenemp@gmail.com](mailto:psirlenemp@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho reúne informações frutos de uma experiência no Estágio em Formação de Formadores do Curso de Pedagogia do Campus Don Delgado, Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em São Luís – MA. Objetiva problematizar as relações de gênero e suas implicações na prática docente de professoras/es participantes de um curso de formação continuada, demonstrando-se alternativas de trabalho sobre questões de gênero no cotidiano escolar. Foram realizados diagnósticos das necessidades formativas, planejamento, observação e intervenção com oferta de minicurso e oficina junto aos professores/as participantes do curso. Como resultados, foi possível perceber que as/os professoras/es participantes nem sempre se sentiram à vontade em participar das atividades, bem como em desconstruir preconceitos e estabelecer discussões sobre a temática. Também pôde-se constatar que a necessidade de informar-se e refletir sobre tais questões são essenciais, pois auxiliam no desenvolvimento de uma prática mais justa e democrática na sala de aula.

**Palavras-Chave:** Relações de gênero. Estereótipos. Formação continuada. Prática docente.

### Introdução

Historicamente a escola vem reforçando e classificando conteúdos, tarefas e estabelecendo formas de brincar conforme o gênero, o que vem reforçar papéis estereotipados e a partir das necessidades formativas diagnosticadas nas escolas, foi que optamos por desenvolver um minicurso, que resultou neste artigo, cujo objetivo foi problematizar as relações de Gênero no cotidiano escolar, sendo esta uma das atividades do Estágio em Formação de Formadores, um dos componentes curriculares do Curso de Pedagogia da UFMA. Esse estágio apresenta como prioridade fomentar a formação continuada de professoras/es atuantes na rede pública municipal e/ou estadual de ensino do estado do Maranhão, com oferta de cursos de extensão, bem como proporcionar às/aos alunos/as do Curso a oportunidade de ministrar formações, estabelecendo os conhecimentos adquiridos durante a graduação.

A partir da escolha das escolas localizadas próximas da UFMA e da área Itaqui-Bacanga, foi criado um pequeno questionário que estabelecia a sondagem das necessidades vividas em sala de aula e na escola. O instrumento foi aplicado com os/as professores/as com intuito de subsidiar a escolha dos temas. O tema relações de gênero obteve mais de 50% de escolha em detrimento das demais opções. Dessa forma, parte-se do princípio de que esses/as professores/as vivenciam ou já

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto de um Projeto de Extensão desenvolvido durante o Estágio Curricular em Formação de Formadores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Don Delgado – São Luís.

vivenciaram problemas com as relações de gênero no cotidiano escolar, ou até mesmo envolvendo as questões de sexualidade.

Logo após os primeiros contatos com as escolas, o momento era de delinear o tema do minicurso visando contemplar os interesses dos professores consultados, e assim escolheu-se o tema “Relações de gênero no cotidiano escolar: desafios da prática docente” que fora estruturado a fim de discutir acerca dos estereótipos propagados em sala de aula, visando uma educação liberta de quaisquer mistificações e preconceitos para que a educação seja um espaço de formação de cidadãos livres e conscientes. Por fim, apresentamos nossas impressões e reflexões sobre o Estágio em Formação de Formadores.

### **Relações de gênero no cotidiano escolar: uma experiência em minicurso**

Iniciamos o nosso minicurso realizando uma breve explanação sobre a importância de abordar as relações de gênero em sala de aula, com o intuito de instigar os formandos a responderem um pequeno questionário que sondava as suas concepções acerca do assunto que abordaríamos. Brinquedos separados, atividades diferentes, e atitudes que segmentam as ações dentro de sala de aula foram indagadas inicialmente nesse questionário a fim de discutirmos previamente sobre suas práticas.

Realizamos uma dinâmica cujo objetivo foi aprofundar as reflexões partindo da vivência dos formandos, com depoimentos do uso de objetos, brinquedos e brincadeiras em sua infância e adolescência por conta do gênero, masculino ou feminino. Com trazem os PCNs (BRASIL, 1997) a questão do gênero em relação a construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade, e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Sendo esses padrões oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos, e transmitidas através da educação, o que atualmente recebe a denominação de “relações de gênero”

Apresentamos um vídeo sobre estereótipos nas profissões, tidas como masculinas, que são reproduzidos na família, em sala de aula e na sociedade, pois entendemos, a partir de Roso (2002, p: 78) que:

Os estereótipos podem gerar uma relação de opressão onde, a partir do olhar da maioria, o ‘outro’ (minoridade) se apresenta com uma conotação negativa, e a ‘maioria’, uma positiva. As pessoas não podem ser como querem; têm que ser como a maioria [...] ou serão consideradas desviantes, inadaptadas ou marginais. Nessa relação de opressão, os estereótipos surgem e se cristalizam.

Com esse olhar suscitou-se um debate sobre as práticas dentro de sala, tendo como contribuição dos formandos alguns relatos, ressaltando também a necessidade de participação dos pais para contribuir com a atuação pedagógica.

Discutimos os documentos oficiais que tratam sobre a temática de gênero e sexualidade na educação, foi apresentado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) que destaca que gênero está relacionado às características biológicas, no entanto, este documento assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), representaram um avanço ao se abordar essas temáticas ainda na década de 1990. Uns históricos de momentos marcantes na luta contra esses estereótipos foram apontados, nos mostrando o entendimento dos/as nossos/as formandos enriquecendo ainda mais o processo de formação.

Em busca do aprofundamento abordamos um dos estereótipos mais presentes dentro de sala de aula, a conhecida fase: “azul de menino e rosa de menina”, trazendo à tona questões históricas sobre a utilização dessas cores para caracterizar meninos e meninas e em um longo e rico diálogo as questões marcantes sobre gênero que são repassadas ao longo das gerações foram substancialmente discutidas.

Com a pretensão de fortalecer os conhecimentos apreendidos desafiamos os formandos a elaborarem uma atividade e/ou ideia de solução para trabalhar questões relacionadas a gênero e sexualidade em sala de aula: (projeto, sequência didática, tema transversal). O primeiro grupo apresentou sobre a intervenção docente a respeito do choro de meninos, o segundo grupo elaborou um projeto que visava desmistificar as cores para meninos e cores para meninas, o terceiro grupo elaborou um projeto a favor da liberdade no uso dos brinquedos; o quarto grupo discorreu sobre equidade, sobre promover conversa com crianças acerca de profissões; o quinto grupo tratou sobre brinquedos para meninos e meninas e o sexto grupo sobre equidade na profissão.

Findado esse momento, percebemos que a educação é a principal ferramenta para a mudança, como afirma Paulo Freire (1979) a educação é possível para o homem, pois o mesmo é um ser inacabado e quando este se percebe sedento de novos conhecimentos chega à perfeição do seu ser, e em nosso minicurso a troca de conhecimentos e o esforço dos formandos em correlacionarem com as suas práticas nos dá esperança de uma educação desprendida de preconceitos e estereótipos enraizados e perpassados ao longo de tantos anos.

## **Reflexões e resultados alcançados**

Ao longo de todo processo do Estágio em formação de formadores, vivenciamos inúmeros momentos e cada um deles representou um extenso e valioso processo de aprendizado. A temática abordada, não é um assunto novo, mas ainda causa certa curiosidade quanto as teorias envolvidas e a sua praticidade em sala de aula. A execução da própria temática pelos formadores estagiários, configurou-se um desafio, a apropriação da temática fez-se urgentemente necessária, várias biografias foram estudadas, de modo a ampliar o conhecimento a ser transmitidos aos professores/as da rede que se inscreveram para o curso de formação contínua.

A abordagem utilizada visava instigar os/as participantes à tomada de atitudes reflexivas quanto a temática de gênero e sexualidade no ambiente escolar, sobretudo trabalhando a desconstrução da diferenciação de gênero que é latente na sociedade e consequentemente em sala de aula. Tais diferenças se processam quer na indicação de brinquedos e brincadeiras exclusivamente para meninos ou para meninas, bem como, a reprodução do machismo em muitas práticas pedagógicas desde à educação infantil. Segundo (FELIPE, 2007, p. 79) essas diferenças pode-se processar “seja através de uma acirrada vigilância em torno da sexualidade infantil, principalmente dos meninos, tentando normatizar os comportamentos que porventura não sejam “condizentes” com as expectativas de gênero instituídas”, seja através da distribuição dos espaços e das tarefas a cada grupo; seja, ainda, através do descaso para com situações que envolvam violência doméstica e/ou abuso sexual.

Outro aspecto que vale a pena ressaltar, diz respeito as construções e reprodução de estereótipos tanto profissional, comportamental, de vestimentas, de brinquedos e brincadeiras entre outros, que demarcam historicamente um processo de diferenciação de gênero na sociedade, sendo por vezes, atribuído ao gênero feminino características exclusiva e vice versa com o gênero masculino, tais como, docilidade e agressividade, habilidade manual versus habilidade matemática, casinha versus futebol, e assim por diante.

Depreendemos que o ser humano, não é uma espécie de produto, finalizado ao seu nascimento, atrelado a construções estereotipadas socialmente, mas que reside em si, uma multiplicidade de formas de desenvolvimentos particulares e intrínsecos a sua personalidade. A escola também desempenha um papel fundamental na quebra de certos paradigmas, quando esta compreende que não é um lugar apenas de formação conteudista, mas sim, de formação de um indivíduo autônomo e de cidadão comprometido com o respeito as diversas diversidades encontradas em sua estrutura.

Em relação a participação dos/as professores/as envolvidos/as durante o curso, pudemos perceber o extremo interesse e atenção disponibilizada a temática, muitos deles/as relataram certos problemas, dificuldades e soluções implementadas em sala de aula, quando se tratava de gênero e sexualidade, mostrando a necessidade de se trabalhar ainda mais essa temática na formação do/a professor/a de educação básica.

Compreendemos que a medida que se ampliar a discussão sobre a temática de gênero e sexualidade na formação do professor, provemos o/a educando/a de um arcabouço teórico-metodológico que atuará conforme dispõe o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 84) quando destaca o papel do/a professor/a sobre essas temáticas:

Na condução desse trabalho, a postura do educador é fundamental para que os valores básicos propostos possam ser conhecidos e legitimados de acordo com os objetivos apontados. Em relação às questões de gênero, por exemplo, o professor deve transmitir, pela sua conduta, a equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, deve, ele próprio, respeitar a opinião de cada aluno e ao mesmo tempo garantir o respeito e a participação de todos.

Somente com a exaustiva formação de nossos educadores sobre as teorias de gênero e sexualidade, poderemos desconstruir certos preconceitos historicamente constituídos, reproduzidos, e aceitos em nossa sociedade.

### **(In) conclusões**

O estágio em Formação de Formadores é ímpar na formação do/a pedagogo/a. Ele não apenas beneficia a formação contínua dos/das professores/as da rede pública de ensino, mas também estabelece experiências de ensino aos/as graduandos/as. A responsabilidade em ministrar minicursos ou até mesmo aulas expositivas a profissionais já formados e muitas vezes especializados em áreas específicas é de grande responsabilidade. O desafio é maior quando nos deparamos com cerca de 70 alunos em uma sala de formação, este número nos faz questionar a efetividade e qualidade das formações oferecidas pelas Secretarias de Educação. Será que estas formações abrangem todos os públicos? Será que as formações contemplam verdadeiramente as problemáticas vividas em sala de aula?

Nosso grande anseio foi tentar atender os anseios e dúvidas sobre problemas relacionados a gênero na escola, ou pelo menos induzir a luz do conhecimento aos/ professores/as da formação. Nosso trabalho não foi conclusivo, pois há uma grande lacuna deste tema na formação das/os professoras/es, um minicurso com a carga horária de mais ou menos sete horas (fora exceções) não resolveria todos estes problemas, perceptíveis nas falas, gestos e feições percebidas durante a ministração do tema.

Um dos maiores anseios era a receptividade da temática pelo público da formação, não queríamos ir de encontro às crenças pessoais, mas ao mesmo tempo queríamos mostrar que a diversidade existe e necessita ser assistida e respeitada dentro do contexto escolar. A recepção do tema por mais polêmico que seja, foi extremamente debatido no momento da formação, professoras/es ansiavam por aprender e relacionar as experiências vividas em sala de aula, houve um furor nas discussões, não apenas discordando, mas levantando questões do cotidiano escolar no que tange ao tema.

As problemáticas no que tange o gênero e sexualidade na escola estão longe de serem sanadas por completo, os/as professores/as nem sempre se sentiram à vontade em desconstruir preconceitos e estabelecer discussões, não haverá também formulas prontas para trabalhar essas questões de forma mais específica em sala de aula, mas a caminha em informar-se e refletir sobre os temas é essencial, os estudos e tentativas, mínimas que sejam, auxiliaram no desenvolvimento de uma pratica mais justa e democrática na sala de aula.

## Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FELIPE, Jane. Gênero, **sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas**. Pro-posições, v. 18, nº 2 (53), maio/ago, 2007.

ROSO, A.; STREY, M.N.; GUARESCHI, P.; e BUENO, S.M.N. **Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero**. Belo Horizonte: Psicologia & Sociedade, 2002.